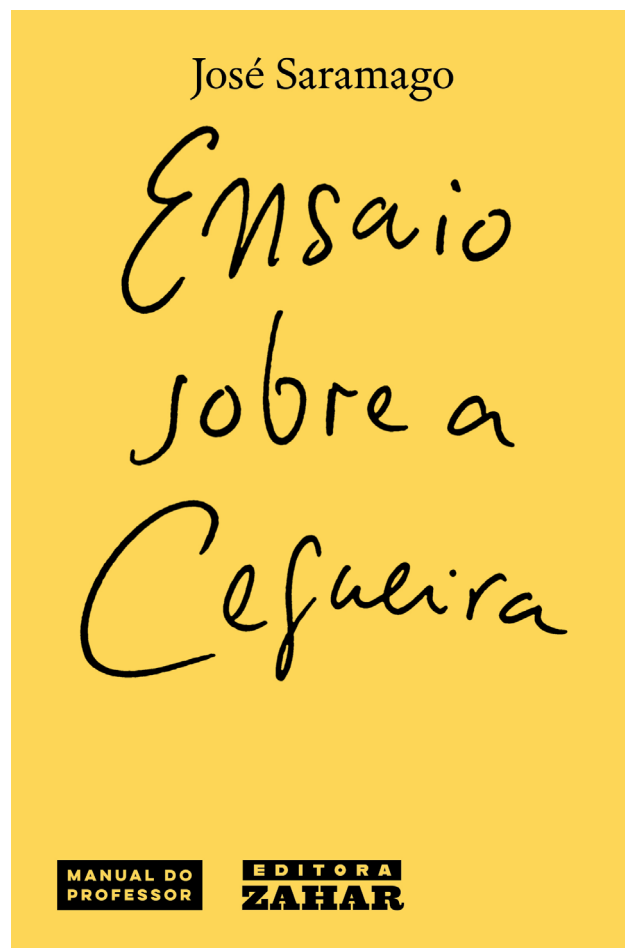


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



EDITORA
ZAHAR

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

AUTOR

JOSÉ SARAMAGO

TEMA

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

ROMANCE

**EDITORA
ZAHAR**

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Adriana Moreira Pedro
Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zuccala, Natália Santana

Material digital do professor — Ensaio sobre a cegueira / Natália Santana Zuccala ; coordenação de Cristiane Fernandes Tavares ; CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Zahar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-378-1905-0

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Saramago, José. Ensaio sobre a cegueira. III. Tavares, Cristiane Fernandes. IV. CEDAC

21-0693

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA ZAHAR LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 71 letra B

04532-002 — São Paulo — SP

Telefones: (11) 3707-3500 / 3707-3530

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

*Amplitude da cegueira: relação entre o romance
e outras áreas do conhecimento, 8*

Relevância literária do autor e da obra, 9

Propostas de atividades I: O livro e as aulas de Língua Portuguesa, **11**

Pré-leitura, 12

Leitura, 15

Pós-leitura, 22

Proposta de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **25**

Pré-leitura, 25

Leitura, 27

Pós-leitura, 31

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **37**

Sugestões de referências complementares, **41**

Bibliografia comentada, **42**

Obras citadas, **44**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Ensaio sobre a cegueira*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades i: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades ii: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários

da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Quem nunca leu um livro escrito décadas, às vezes séculos atrás e pensou: “Isso aqui é muito atual”? Não é raro termos o sentimento de que determinado autor está falando diretamente conosco e com a nossa realidade, apesar de já ter morrido, apesar de muitas vezes ter escrito sua obra antes de termos nascido. No caso do livro *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago, é como se ele tivesse previsto a pandemia da covid-19 — e, não por acaso, este foi um dos livros mais vendidos em 2020, quando o coronavírus se espalhou pelo mundo. É como se essas grandes obras da literatura e da arte previssem o futuro.

Claro que não se trata disso, pois ainda não inventamos uma máquina do tempo. Mas os grandes pensadores têm uma percepção muito aguçada dos tempos, uma sensibilidade e um olhar para o mundo que lhes permitem enxergar os rumos da humanidade, o horizonte em direção ao qual estamos caminhando. Não à toa estamos falando de um autor que ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1998.

Sem dúvida, o caso de Saramago é um desses pensadores que antevêm o que viveremos: além de saber olhar para o futuro e compreender para onde caminhávamos, ele fez um apanhado belo e certo do passado. *Ensaio sobre a cegueira* é um romance no qual se pode observar, sob uma lente altamente crítica e nem um pouco otimista, o ser humano em sua essência, no que temos de pior, mas também de melhor. Tudo isso através das relações sociais que estabelecemos, através de nosso comportamento em grupo e da maneira como nos protegemos da morte, como nos relacionamos com ela. Ao mesmo tempo que o romance nos dá a ver nossas características mais animais e brutais, também deixa evidente que, diante da nossa fragilidade individual, a única resposta possível reside em nos unirmos, nem que seja para lutar contra o irreversível peso da morte. Talvez esse olho português tão crítico tenha escrito esse livro como um chamado à consciência. Será que soubemos ou saberemos escutá-lo?

AMPLITUDE DA CEGUEIRA: RELAÇÃO ENTRE O ROMANCE E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Diante da amplitude temática desse romance, abordá-lo em sala de aula permite o **diálogo com diversas outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a sociologia**, o que fica evidente pela complexidade da narrativa e por suas articulações com a história da humanidade. Além disso, a obra também aponta para caminhos que nos permitem repensar a cidadania como um tema contemporâneo urgente, pois deixa evidente os contratos sociais presentes na formação das relações entre os homens e seus grupos, e revela a que servem e quais são suas origens.

A atualidade de *Ensaio sobre a cegueira* deve-se, claro, ao trabalho do autor que o escreveu, mas não devemos nos esquecer que o livro é recente: sua primeira publicação data de 1995, de forma que não está tão distante de nós. Assim como muitos países do mundo, incluindo o Brasil, Portugal passou, no século xx — mais especificamente de 1933 a 1974 —, por um período de ditadura militar, chamado de Estado Novo. Sem dúvida alguma, essa vivência o influenciou muito, na medida em que ocupou metade da vida de **José Saramago**, que viveu entre 1922 e 2010. No caso do romance em questão, percebemos como o autoritarismo e a crueldade imperam nas dinâmicas relacionais que se desenvolvem ali. Como veremos adiante, a violência, que tem um peso muito grande nesse livro e é descrita de maneira bastante explícita, está presente como uma forma de dominação de alguns grupos. É impossível não relacionar essas estratégias de violência como dominação com o período salazarista em Portugal, assim chamado em referência a António de Oliveira Salazar (1889-1970), ditador e líder do regime.

Em relação às opressões de seu país, não foi apenas como escritor que José Saramago se manifestou, mas também de maneira mais incisiva e ativa, no jornalismo. Após a Revolução dos Cravos, que depôs em 1974 o regime salazarista, Saramago ingressou na direção do *Diário de Notícias*, um dos principais jornais de Lisboa na época, e declarou que pretendia usar seu posto como ferramenta política para a construção do socialismo.

Sobre a atuação de Saramago como “jornalista revolucionário”, ver o texto “Quando Saramago exigia ‘violência revolucionária’”: <https://www.dn.pt/arquivo/2005/quando-saramago-exigia-violencia-revolucionaria-620488.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

Estamos falando de um homem multifacetado, que exerceu, durante seus 87 anos de vida, diversas funções e profissões. Tendo nascido em 1922, numa família de camponeses do Ribantejo, foi também serralheiro, desenhista, funcionário público e editor. Talvez seu profundo conhecimento do mundo e da alma humana possam ter vindo daí, de suas múltiplas relações e de sua experiência em diversas áreas do conhecimento.

RELEVÂNCIA LITERÁRIA DO AUTOR E DA OBRA

No romance sobre o qual falaremos neste material, as personagens, depois de serem acometidas por uma cegueira branca, descrita como um “mar de leite”, são forçosamente isoladas em um manicômio desativado, pois esse mal teria características endêmicas e atingiria rapidamente quem se aproximasse de alguém contaminado. A princípio, vemos só alguns poucos cegos presos numa quarentena extremamente rigorosa e relegados a condições anímicas. Porém, há nesse local uma variada seleção de seres humanos, advindos das mais diferentes profissões e realidades, todos completamente cegos.

Apesar da diversidade de personagens, acompanhamos uma delas de maneira mais próxima, por meio da narração — a única que, surpreendentemente, não se contamina e consegue ver. Não sabemos como se chama, pois Saramago não dá nomes próprios a nenhuma das personagens nesse romance, mas ela é chamada “a mulher do médico”. Seu marido, oftalmologista, foi um dos primeiros a perder a visão, ao tentar tratar do primeiro homem que havia cegado; desse modo, o casal é colocado em quarentena logo no início da epidemia. A mulher do médico é a protagonista dessa história, junto de seu marido, e também uma das personagens mais interessantes e complexas da história da literatura. Dotada de um senso ético e uma moral impressionantes, acompanha seu marido de forma voluntária e atua de maneira ir-

repreensível nessa jornada na qual ela mesma é o único norte na brancura luminosa à qual estão relegados os pobres homens.

Em termos formais, a construção das personagens é uma característica impressionante do escritor português. Ele traça perfis humanos altamente complexos sem precisar de muitas adjetivações e através das ações — e mesmo essas ações, que servem como traço para compreender as personagens, não são óbvias nem previsíveis, mas surpreendentes. Como leitores, ficamos a todo momento tentando entender o que leva uma ou outra personagem a agir daquela maneira.

Saramago nos chama à reflexão, cutuca nossa ética pessoal e nossos valores, nos interroga e nos faz pensar: o que faríamos no lugar daquelas pessoas? Ele faz isso não apenas pela complexidade das figuras, mas também por meio de seu narrador, outra instância muito interessante do romance e que pode ser tematizada em sala de aula, por ser surpreendente.

A relevância literária do narrador desse **romance** se mescla à manipulação altamente artilosa que o escritor faz da pontuação. Sem indicar com travessões ou aspas as falas das personagens, e sem esclarecer sempre de quem é a fala que estamos lendo, Saramago mistura a voz do narrador com a das personagens, de uma maneira impressionante e fluida. Há vezes em que de fato não sabemos até que ponto o narrador interfere e opina na história e até que ponto está apenas repercutindo o pensamento de alguma personagem. Veremos com mais detalhamento essas estratégias durante a apresentação das atividades e também na análise estética aprofundada.

Essas características formais tão complexas localizam Saramago ao lado de grandes escritores mundiais contemporâneos a ele, como o israelense Amós Oz (1939-2018), e também deixam evidente sua influência em escritores da geração seguinte, como o também português Valter Hugo Mãe (1971). A manipulação maestral da pontuação, por exemplo, é uma característica da produção de Saramago conhecida por todos os amantes da literatura, de modo que estamos falando de alguém que deixou sua marca no mundo, imprimiu um estilo próprio em sua obra e fez-se notar não só pela autenticidade formal, mas também pela enorme relevância dos temas tratados. Assim, não podemos deixá-lo de fora dos currículos do Novo Ensino Médio brasileiro, ainda mais tendo a chance de lê-lo no original.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: O LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nas páginas seguintes, você encontrará sugestões de atividades para trabalhar *Ensaio sobre a cegueira* com os estudantes do Novo Ensino Médio. Esta parte do material foi dividida em *pré-leitura*, que sugere o que fazer antes da primeira leitura do livro; *leitura*, que apresenta encaminhamentos dentro e fora da sala de aula, para acompanhar a apreciação do livro; por fim, *pós-leitura*, parte na qual você encontrará propostas de finalização e expansão da experiência com o escritor José Saramago. Em cada uma dessas partes haverá mais de uma possibilidade de encaminhamento da(s) atividade(s), de modo que o leque de trabalho esteja aberto; logo, não é necessário realizar todas as propostas com seus estudantes. Procure, claro, contemplar esses três momentos da relação com o livro, dando prioridade para o meio, isto é, o processo de leitura. Selecione as propostas que mais se adequam à realidade e ao contexto no qual a sua escola está inserida, pensando inclusive em como fazer adaptações para tornar o material mais acessível, inclusivo e coerente com as turmas.

Por tratar-se de um romance longo, será preciso escolher momentos para leitura compartilhada em sala e separar trechos a serem lidos de forma autônoma pelos estudantes, em casa.

Leitura colaborativa [ou compartilhada] é uma atividade de leitura cuja finalidade é estudar um determinado texto em colaboração com outros leitores e com mediação do professor. O foco do trabalho é o *processo* de leitura — e todos os seus conteúdos específicos —, e não o *produto* desse processo, como acontece em uma atividade de leitura silenciosa com questões para serem respondidas por escrito — que permite apenas a verificação do que o aluno compreendeu do texto, ao invés de ensiná-lo como se faz para ler. (bräkling, s. d.)

Não se recomenda a leitura integral em casa. E, mesmo nos casos em que a maior parte do livro for lida em casa, também é importante garantir diversos momentos de discussão com os colegas e o professor, não só pela complexidade da narrativa, mas também porque essa leitura pode ser uma experiência altamente angustiante, conforme foi exposto na parte introdutória deste material.

Antes de começar qualquer aproximação com a obra, sugerimos que o docente verifique se há deficientes visuais na turma ou na família dos estudantes. Uma vez que nesse livro há o tempo inteiro referências à deficiência visual, e nem sempre de uma maneira delicada, é preciso tematizar o fato de que a cegueira que aparece nesse contexto é metafórica — é a cegueira de todos nós, de toda a humanidade, e não a deficiência física que acomete apenas alguns. É preciso tematizar esse assunto para não nos prendermos à noção de que são equivalentes, a cegueira física e a metafórica, e para não ofender aqueles que carecem da visão.

Além disso, essa leitura pode ser uma excelente oportunidade de colocar os eventuais estudantes com deficiência visual no lugar de protagonistas, por serem os únicos a ter alguma experiência para compartilhar com os outros sobre esse tema. De alguma maneira, eles serão os especialistas no assunto, então cabe ao professor valorizar o conhecimento deles, que às vezes pode ficar marginalizado das discussões em sala de aula. Seja como for, o imprescindível será escutá-los durante a leitura do romance.

PRÉ-LEITURA

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA: DISTOPIAS

A leitura da obra *Ensaio sobre a cegueira* não requer do docente tanta contextualização prévia e pode até mesmo prescindir dela, uma vez que se trata de uma narrativa ficcional, que não ancora seus eventos e seus personagens em nenhum contexto histórico ou geográfico muito específico. Pelo contrário, o romance se passa em um mundo ficcional distópico, imaginário.

Como reflexão prévia, vale, no entanto, uma pequena apresentação sobre o fenômeno das distopias na literatura do século xx. Não há necessidade

de estender-se muito nesse assunto antes de começar o livro, pois ele pode ser retomado tanto no meio como no fim da leitura. Ainda assim, é interessante passar por esse assunto em algum momento, dada a impressionante quantidade de livros e filmes distópicos sendo produzidos nos últimos tempos.

Deve ter algum motivo que nos leve a reproduzir tantos mundos distópicos, e essa tendência no universo literário é inclusive encarada por alguns como uma “febre”. Pode haver nesse sentido algum diálogo com a sociologia e a filosofia para compreender esse contexto, na medida em que, para compreender o fenômeno, é preciso levar em consideração os desastres naturais que estamos vivendo, o esgotamento de recursos naturais, o avanço da tecnologia como força quase autônoma ao homem, o surgimento de novos vírus, a iminência de epidemias e pandemias. Todos esses elementos reunidos apontam para um possível fim do mundo que bate à nossa porta diariamente: está na mídia, nas catástrofes, na pandemia de covid-19, no aumento da temperatura... E os jovens sabem disso. Há quem inclusive enxergue essa literatura como uma forma radical de análise dos nossos tempos. E por que não como denúncia também? Como problematização dos rumos da humanidade, como chamada à consciência e ao espelho?

O romance distópico pode então ser compreendido enquanto *aviso de incêndio*, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, 2013, p. 202)

Como exemplo desse tipo de literatura, o docente pode usar livros como:

- *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley;
- *1984* (1949), de George Orwell;
- *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury;
- *Jogos Vorazes* (2008), de Suzanne Collins.

Provavelmente o último é o mais conhecido entre os adolescentes. Ao explorar esses exemplos, os estudantes talvez percebam que *Ensaio so-*

bre a cegueira tem várias semelhanças com esses mundos distópicos, mas também diferenças. Contextualizar a obra tendo em vista seus pares literários relaciona-se com a seguinte habilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

No contexto dessa comparação com outras obras, é comum as distopias terem uma ancoragem muito grande no mundo tecnológico, mas no caso do livro de Saramago ocorre o contrário: não há celulares, os relógios para nada servem e nem funcionam, mal se escuta falar sobre telefones e não há menções a computadores. É evidente que talvez não se percebam essas características logo de cara, muito menos antes da leitura, mas vale nessa aula de apresentação ao livro estimulá-los a terem em vista esse contexto da produção distópica durante a leitura. Além, claro, de retomar essa discussão depois.

ENSAIO PARA O ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Como forma de sensibilizar os estudantes para o livro, propõe-se que se faça uma espécie de ensaio para o *Ensaio sobre a cegueira*. Em primeiro lugar, será uma boa oportunidade para indagar-se sobre o título, perguntar aos estudantes por que Saramago chama essa obra de ensaio. Será que esse livro está nos preparando para algo, fazendo-nos ensaiar? Ou será que o sentido se refere ao gênero textual *ensaio*? Vale a pena levantar uma série de hipóteses e voltar a elas no fim da leitura, de preferência anotá-las em algum cartaz que fique visível a todos ou em algum documento.

A partir daí, pode-se perguntar o que os estudantes acreditam que fariam se fossem privados de visão de uma hora para a outra. Nesse momento, é importante tomar cuidado com a discussão, sobretudo se houver algum deficiente visual entre os estudantes ou entre os familiares deles.

Sugere-se que primeiro eles pensem individualmente e depois discutam com a classe toda ou em grupos. Por fim, cabe anotar as respostas em um documento que fique guardado até o final da leitura, para que essas anotações possam ser retomadas ao longo da leitura.

Em seguida, pode-se instigá-los perguntando o que acham que aconteceria com a humanidade se, repentinamente, ficássemos todos cegos. Chamá-los para suposições é uma maneira de implicá-los na leitura, trazer suas subjetividades para o tema. Sem dúvida Saramago fará isso muito bem com suas palavras quando eles começarem a ler o romance, mas sempre é válida uma sensibilização para todo tipo de leitura escolar, já que não se trata de uma escolha — ler ou não esse livro.

LEITURA

LEITURA DO PRIMEIRO CAPÍTULO

Recomenda-se a leitura integral do primeiro capítulo em sala, porque ele traz tematizações bastante importantes que reaparecerão ao longo da narrativa, comportando-se como um microcosmo do livro.

Tudo começa com o primeiro homem que cega. Ele está ao volante, parado no farol vermelho, esperando abrir, e então é acometido pela cegueira branca. Alguém tem de socorrê-lo e levá-lo para casa. O sujeito que o levou pergunta se ele quer companhia em sua casa, até que alguém chegue, porém ele dispensa o homem, com medo do que o homem pode fazer ali, sem que ele possa ver. O homem então vai embora e ele permanece esperando sua esposa. Quando ela chega, o casal então decide procurar um médico. No momento em que se dirigem ao consultório, percebem que o tão solícito homem que o levou até em casa acabou por roubar-lhe o carro. O oftalmologista pelo qual passam terá um papel muito importante nessa história.

Apenas nesse breve capítulo, há uma série de elementos a serem te-

matizados. Será necessário, provavelmente, escolher quais discussões serão desenvolvidas, e a seguir são sugeridas algumas questões emblemáticas:

Vulnerabilidade do corpo e a necessidade do outro: Na vida que levamos, principalmente nos centros urbanos, dificilmente nos damos conta do quanto nosso corpo é vulnerável e fraco. Contamos com pessoas que, desde o nascimento, nos ajudam a viver mais e melhor. Há, muitas vezes, quem cozinhe nossa comida, nos ajude a ver melhor, nos ensine a ler e escrever, costure nossas roupas, cuide de nossas enfermidades etc. Da forma como essa interdependência está internalizada em nossa vida cotidiana, nem nos damos conta do quanto dependemos do outro e do quanto as formações sociais nos são úteis. No primeiro capítulo de *Ensaio sobre a cegueira*, a partir do momento que o primeiro cego deixa de ver, instantaneamente precisa de pessoas dotadas de visão para ajudar-lhe, e também precisará da mulher para levar-lhe ao médico, mesmo que essa visita não adiante nada. A vulnerabilidade do corpo e a dependência dos outros aparecerá de modo muito forte do começo ao fim da narrativa, então cabe logo ressaltar essa dinâmica para ajudar os estudantes a continuarem a leitura sozinhos, se for o caso.

A vileza humana: Aproveitando-se da fraqueza alheia, o homem que ajudou o primeiro cego acaba roubando-lhe o carro... A ocasião, nesse caso, fez o ladrão. Ainda nesse capítulo não fica tão claro se ele de fato roubou o carro ou estacionou em qualquer lugar fora do alcance, mas no seguinte isso será esclarecido. Assim, é um momento bem interessante para tratar da ética e da moral humanas, discussão tão presente no livro. Será que de fato nós nos aproveitamos dos outros quando nos é dada a chance? Somos todos passíveis de enganar, ou fazemos isso apenas por medo de sermos pegos? A visão de Saramago quanto a isso parece que vai ficando clara durante o romance: quando são trancados no manicômio desativado, muitos se aproveitam dos outros de maneira completamente maldosa, com requintes de sadismo. Veremos que há estupros, mortes e outros comportamentos terríveis por parte dos cegos em quarentena; no entanto, outros se mantêm fiéis a uma moral que subverte o contexto degradante no qual estão inseridos, como a mulher do médico, a protagonista do livro.

Brancura da cegueira: Uma das características mais interessantes da cegueira desse romance é o fato de ser inexplicavelmente branca. Contrariando nossas expectativas, o que esses cegos veem é um mar de leite. Não foi à toa que Saramago teria escolhido tal conformação. Desse modo, vale tematizar mais de uma vez essa característica. A clareza e a brancura se dão a ver na presença de luz, então, não é de todo estranho pensar nessa cegueira como um excesso de luz. Se considerarmos o que a iluminação ou a luz trazem em si de concepções e simbologias, podemos imaginar que esse excesso de luz possa também significar um excesso de razão. Tendo em vista a história mundial no século XX, é plausível que haja uma perspectiva, por parte de Saramago e expressa em sua obra, de que a razão possa se tornar tóxica, se for tomada como positivismo, por exemplo. Seja como for, é bastante importante nesse começo já perguntar aos estudantes o que eles têm a dizer sobre isso, se imaginam o motivo de essa cegueira ser branca. Tais especulações já os trarão para a dimensão alegórica da obra.

Aspectos formais: É possível, já nesse começo, perceber a presença de um narrador intruso, onisciente, que narra e também parece participar da narrativa. Além disso, percebe-se a pontuação típica de Saramago, com períodos longuíssimos e muitas vírgulas. Além, é claro, da forma inusitada como ele desenvolve os diálogos, com muita fluidez e poucos pontos finais. Durante o desenrolar da narrativa será possível notar como isso influencia o texto de maneira mais clara, mas é importante destacar essas características no começo da leitura.

Essas são apenas algumas perspectivas sobre o livro, e o mais importante aqui é deixar os estudantes falarem, dizerem como veem esse primeiro capítulo, se percebem as temáticas elencadas e o que pensam sobre elas. Não é interessante confirmar ou negar nenhuma das hipóteses que eles tenham acerca do livro, pois a própria narrativa lhes apontará se as hipóteses se confirmam, e dessa forma o professor deixa que eles mesmos cheguem a conclusões. Tampouco é preciso passar por todos esses pontos, pode-se priorizar os que aparecerem nas falas.

Tanto esse momento de leitura e discussão como os outros que ainda virão se relacionam à seguinte habilidade da BNCC do Novo Ensino Médio:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

É fundamental, no processo de aprendizagem, proporcionar aos estudantes esses momentos de fala e escuta do outro, envolvendo inclusive as tensões que esse encontro com outras subjetividades pode proporcionar:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143)

DIÁRIO DE LEITURA

Ensaio sobre a cegueira é uma leitura longa e bastante densa, que deve mobilizar os estudantes não só pela inteligência de um enredo alegórico que expõe de maneira impressionante as entranhas da humanidade, mas também pela terrível violência que aparece em muitas das partes do livro. Assim, será preciso tematizar em sala as escolhas do autor, os efeitos de uma violência tão explícita na sua recepção e as estratégias de descrição; mas, para que isso ocorra, primeiro é necessário acolher e problematizar os sentimentos dos estudantes diante da obra, bem como suas reflexões. E isso deve ser feito não apenas para ajudá-los a encarar esse clássico da literatura, mas também porque os sentimentos e as sensações dos leitores não são elementos que devem ser ignorados na análise de um livro, pelo contrário, podem ajudar-nos em sala de aula a construir interpretações com base nas estratégias de recepção do autor.

Tendo em vista a necessidade de acompanhamento que esse livro impõe, propõe-se durante a leitura uma forma de escrita que ajude os estu-

dantes a relacionarem-se com o material: um diário de leitura. Para isso, o ideal é que eles tenham algum caderninho que possam usar apenas para essa finalidade, mas, se isso não for possível, podem separar uma parte do caderno de Língua Portuguesa, por exemplo.

A ideia de um diário de leitura gira em torno da liberdade de não precisar escrever o que se espera escolarmente de uma leitura. Os estudantes poderão escrever absolutamente tudo o que lhes ocorrer enquanto leem — sejam desconfortos, análises interpretativas, relações com a própria vida, elementos que os desagradaram. É muito importante, então, que o professor se comprometa a não ler o que os estudantes estão escrevendo, justamente para que eles se sintam à vontade para expressar verdadeiramente o que pensam e sentem. Isso não significa, no entanto, que esse diário não será usado em sala de aula; pelo contrário, a ideia é que ele seja intensamente usado, mas que possa configurar um espaço privado de investimento subjetivo.

Trata-se de uma proposta livre, que não deve ser tão direcionada. A única obrigatoriedade é que, todos os dias em que lerem alguma parte do livro, os estudantes escrevam algo sobre o livro. É claro que, quanto mais organizados forem para gerenciar o próprio tempo, melhor será o resultado; então vale a pena dizer isso para as turmas como forma de ajudá-las. Eventualmente pode haver certa resistência por parte de alguns em relação à proposta, mas, nesse caso, pode ser interessante dizer que eles podem escrever inclusive sobre a própria resistência, sobre o que sentem e percebem em relação a isso.

A ideia é compartilhar em sala de aula o diário, voluntariamente. Quanto mais momentos em sala de aula houver para esse compartilhamento, melhor. Claro que eles devem falar para a turma apenas o que se sentirem à vontade para dizer, e podem inclusive falar o que pensam sobre a escrita do diário, sem expor o conteúdo dele. Sugere-se, inclusive, pedir que se preparem para compartilhar suas leituras, selecionando anteriormente trechos a serem apresentados, ou mesmo que reescrevam algumas partes das anotações para dividi-las com os outros.

Como sugestão, seguem algumas partes do livro selecionadas como momentos importantes para discussão coletiva. Estão separadas pelo número aproximado de páginas, pois os capítulos no livro não são numerados:

Próximo à página 48: Vemos como o Governo rapidamente toma medidas muito autoritárias para contenção da epidemia, os leitores são levados a conviver junto do médico e de sua mulher no manicômio desativado. Sobre isso, sem dúvida os estudantes terão algo a dizer. Vale a pena perguntar como se sentiram em relação a medidas tão restritivas. Como todos terão também vivido a pandemia de covid-19, pode-se perguntar se sentem que no caso do coronavírus as medidas foram restritivas demais no mundo. Qual seria o sentido de medidas como essa? Seria possível conter uma epidemia de maneira mais humana? Como? Nesse contexto, qual seria o papel da tecnologia que temos hoje, mas que é ausente no livro? Esse também pode ser um bom momento para começar a traçar o perfil da protagonista, isto é, a mulher do médico. Desde o começo ela age de maneira interessante e seu papel vai se delineando de maneira muito complexa.

Próximo à página 98: Aqui a situação já está configurada de maneira bastante clara como uma alegoria do processo civilizatório. A mulher do médico chega a dizer: “O mundo está todo aqui dentro” (p. 100). Máximas como essa vão sendo emitidas durante a leitura mais de uma vez, o que nos leva a crer na intencionalidade de Saramago ao compor essa atmosfera quase como um microcosmo que reflete o mundo, um experimento social que escancara o homem em sua essência. Diante o médico reafirma essa ideia: “Provavelmente, só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são” (p. 126). Essa pode ser uma ideia incômoda para os estudantes, pois é difícil admitir a própria fraqueza e maldade. Cabe estimulá-los a refletir se isso é ser um ser humano. É provável que nesse momento eles comecem a pensar sobre a importância da sociedade e da formação de comunidades e grupos.

Próximo à página 163: A maldade e o sadismo alcançam seu ápice na situação em que os malvados pedem, em troca de comida, as mulheres das camaratas e as estupram de maneira muito violenta. Também aí vemos configurada uma situação de animalização do homem e em diversos trechos as descrições escancaram isso: “uma fila grotesca de fêmeas malcheirosas, [...] parece impossível que a força animal do sexo seja assim tão poderosa,”

[p. 172]. Vale tentar abordar com os estudantes as concepções que o autor e o narrador apresentam ao leitor acerca da essência humana. Em alguns momentos do livro, a ideia de que talvez a natureza humana resida na sua animalidade fica em destaque, como se, ao fim e ao cabo, tudo o que queremos se resumisse a comer e ter prazer, e que, com a evolução da civilização, tivéssemos nos afastado dessa essência degradante.

Próximo à página 209: Nesse momento, após uma rebelião contra os cegos malvados, os cegos presos no antigo manicômio percebem que ninguém mais os vigia e então podem sair. Numa excursão para encontrar comida, dão-se conta do fato de que todos já estão cegos e não há mais quem controle a situação, a não ser, claro, a mulher do médico, que guia seu grupo de pessoas pela cidade, em busca de sobrevivência. Trata-se de um novo momento no livro, menos violento, mas não menos impressionante. Sem dúvida ainda há muito o que discutir sobre todas as ações que a mulher do médico vem tomando e sobre seu papel importantíssimo na história. Além de ser responsável por aquele grupo de pessoas, ela também tem a firmeza de suas decisões construídas numa personalidade notável.

Próximo à página 291: Um pouco antes do último capítulo, pode ser interessante fazer uma parada na leitura para perguntar como os estudantes acham que a história vai acabar, quais são as suposições deles sobre o desfecho. Inclusive é uma oportunidade para lerem o último capítulos juntos, em sala.

Essas são algumas sugestões, o docente pode achar outras partes do enredo que considere importante compartilhar com os estudantes e que não foram listadas aqui.

Esse compartilhamento das impressões em diferentes momentos do livro pode se dar tanto com toda a sala como em grupos. A vantagem dos grupos é a maior intimidade, o que pode permitir que os estudantes se exponham de maneira mais livre e também que mais estudantes possam falar. A vantagem de trabalhar com a sala inteira é chegar a determinadas análises com todos, permitindo que os estudantes organizem seus estudos a partir dessas construções coletivas.

APRECIÇÃO DOS ASPECTOS FORMAIS: PONTUAÇÃO E NARRAÇÃO

Ainda durante a leitura, antes que o livro acabe, é importante problematizar dois aspectos formais que estão muito imbricados na escrita de *Ensaio sobre a cegueira*: a pontuação e a narração. Tanto uma como a outra se complementam com algumas finalidades em comum. Como Saramago opta por não usar sinais de pontuação para indicar o discurso direto e compõe períodos muito longos sem ponto final, o que se obtém, em termos de efeito estético, é uma fluidez tremenda. Muitas vezes nos sentimos sugados pela imbricação de uma fala na outra. Além disso, essas estratégias deixam os diálogos muito próximos do que ocorre na realidade, por conta de sua característica dinâmica — e obtém-se disso um grande efeito de dramaticidade. Essa escolha estética se amalgama ao fato de que o narrador intruso se coloca a todo tempo na narrativa: nunca sabemos bem ao certo se ele fala pelas personagens ou pelo leitor; há momentos em que não compreendemos qual voz está em jogo.

Para que os estudantes percebam esse efeito, sugere-se que o professor peça que pontuem um diálogo do livro como acreditam que deveria ser feito na norma culta. Em seguida, os estudantes leem em voz alta esse diálogo pontuado, com as indicações de quem fala, para em seguida comparar com o original. Essa dissecação do recurso estilístico de Saramago evidenciará a potência de seu uso.

PÓS-LEITURA

DISCUSSÃO FINAL

Ao fim da leitura da obra cabe uma discussão de retomada. O fim das obras é pensado como forma de impactar os leitores de diferentes maneiras, e por isso, como sugerimos antes, é interessante pensar em deixar o último capítulo para ler com os estudantes em sala, de modo a captar as suas reações mais autênticas.

Além disso, ao terminar um livro, temos então a percepção do todo que lemos e podemos, assim, confirmar hipóteses que sustentávamos duran-

te o processo e refutar outras. Cabe nesse momento retomar as discussões iniciais sobre a leitura, bem como todas as que ficaram em aberto no processo. É papel do professor monitorar essas discussões e sustentar as dúvidas até o momento certo de concluí-las — mas não só o professor, os estudantes também podem ser atuantes nesse registro da memória e das dúvidas do grupo.

PRODUÇÃO LITERÁRIA INSPIRADA NA LEITURA

Uma forma bem interessante de estimular os estudantes a perceberem as estratégias de escrita é colocá-los para escrever. Isso os ensinará também a ler de maneira mais crítica, percebendo melhor o trabalho dos escritores. Sobre isso, a professora Emilia Ferreiro comenta a quantidade de atividades que podem contribuir para estimular e educar para o mundo letrado e não envolvem apenas o ato de ler.

Se pensarmos em todos os tipos de atividades que podemos desenvolver com os textos, em torno dos textos, considerando os textos e a respeito deles, veremos que passamos do falar ao ler, do ler ao escrever, do escrever ao falar e voltar a ler, de maneira natural, dando voltas pela língua escrita, sem a necessidade de enfatizar quando “é preciso ler”. (FERREIRO, 2010, p. 146)

Tendo em vista as potencialidades do trabalho de escrita, o professor pode pensar em diferentes propostas criativas, conforme a realidade de seus estudantes e as discussões desenvolvidas em cada sala. Neste material, sugerimos que se peça para descreverem um novo tipo de cegueira, diferente daquela que Saramago constrói, em um texto literário, que pode ser um conto ou um poema. Será uma excelente oportunidade de discutir com os adolescentes sobre os motivos que levam essa cegueira a ser branca. Uma vez na posição de escritores, tendo de construir sua cegueira com características próprias, de maneira criativa, precisarão pensar nos motivos que levaram Saramago a compor sua cegueira daquela forma.

No fim da atividade, é sempre interessante dedicar algum tempo para que os estudantes compartilhem entre si os resultados das produções ou até

mesmo com toda a comunidade escolar, em alguma plataforma virtual, por exemplo, ou fazendo uma exposição pelo espaço. A presença de interlocutores pode direcionar o trabalho para uma seriedade estimulante e faz com que os incríveis produtos elaborados possam ser lidos por outras pessoas além dos docentes, acrescentando uma camada real de sentido.

LIVRO DE LEITOR

Depois de tanto trabalho com o diário de leitura, parece fundamental não deixá-lo de lado, no fim do processo. A depender do tempo didático disponível, é possível propor atividades mais ou menos complexas. Se for possível, sugere-se que os estudantes façam um *livro de leitor*, isto é, uma produção narrativa que conte a história de sua leitura. Essa proposta pode ser mais ou menos ficcional, conforme a escolha do docente, ou pode inclusive ser autobiográfica. A ideia é que cada estudante escreva uma narrativa que conte a história de sua relação com o livro, evidenciando a característica interpretativa da literatura, ou seja, o fato de que uma obra só se completa na leitura.

Se não for possível investir numa proposta tão extensa, é importante de alguma maneira discutir como foi a realização do diário, contemplando pelo menos uma escrita final, após o desfecho do enredo. Uma vez que falar sobre o que se aprende também é uma forma de saber mais, a metacognição adiciona uma complexidade no processo de ensino-aprendizagem.

PROPOSTA DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Ensaio sobre a cegueira é um livro que permite intertextualidades com áreas do conhecimento diversas, como Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias. Porém, por se tratar de uma obra que não se localiza geográfica ou historicamente, não há conteúdos que dependam de outros componentes curriculares. Então, o trabalho intertextual promoverá uma abordagem mais profunda da obra e também de temas relacionados a ela.

A seguir serão indicadas algumas possibilidades de trabalho intertextual, incluindo outros componentes curriculares além de Língua Portuguesa. Os professores podem adaptar as propostas e pensar em outras a partir dessas. Esta parte do material também foi subdividida em *pré-leitura*, *leitura* e *pós-leitura*, a fim de ajudar na organização e no planejamento das aulas.

PRÉ-LEITURA

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA: DISTOPIAS

Assim como já foi sugerido neste material, é possível explorar a distopia como gênero, tendo em vista o contexto social dos séculos xx e xxi e analisando as razões sociais, antropológicas e históricas que levariam os autores a procurar essa forma da narrativa. Pode ser interessante propor uma aula reflexiva sobre o tema, antes da leitura do romance de Saramago, contando com os professores ou professoras dos componentes curriculares de Sociologia e/ou História.

Caso se deseje investir mais ainda na exploração desse gênero em relação com o contexto social, é possível, após a leitura, propor a produção de um texto, por exemplo, que analise as relações entre a distopia de Saramago e o fim do século xx.

Outra possibilidade é pedir que os estudantes escrevam suas próprias distopias, pensando nas tendências do século xxi, com a ajuda dos professores e professoras de História e/ou Sociologia. Essas distopias inventadas podem ser exploradas em gêneros mais breves, como contos, ou então em

materiais audiovisuais, com uma narrativa que seja filmada, como curta-metragem ou animação.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: O SALAZARISMO E OUTROS REGIMES TOTALITÁRIOS

Ensaio sobre a cegueira pode também ser lida como uma obra que aborda, de maneira alegórica, os regimes totalitários e as ditaduras do século xx. Na Itália, Benito Mussolini tomou o poder em 1922, Adolf Hitler fez o mesmo na Alemanha, em 1933, e Francisco Franco liderou um golpe militar em 1936, na Espanha. Portugal estava sob ditadura militar desde 1926, e em 1933 iniciou-se o período conhecido como salazarismo, ou Estado Novo português. Foi uma ditadura que durou até 1974, tendo sido derrubada pela Revolução dos Cravos.

Apesar de não haver nenhuma referência clara a um regime totalitário no romance, o autoritarismo extremamente violento que ocorre no manicômio desativado é perpetrado em primeiro lugar pelos militares, que controlam esse espaço usando do medo e da morte. Podemos pensar, na realidade, em diversos estados de exceção que justificam a dominação de determinadas parcelas da sociedade por outras, como ocorre no livro e na realidade: nas guerras, nas pandemias, nos momentos de instabilidade democrática.

Nesse sentido, pode ser interessante, antes de começar a leitura, abordar historicamente o contexto anterior à produção de *Ensaio sobre a cegueira*, tendo em vista esses regimes totalitários e mais especificamente o salazarismo. Nada impede essa abordagem de ser feita depois ou durante a leitura, dependendo da intenção. Caso se faça antes, isso influenciará o olhar dos estudantes para o texto. Caso se faça depois, haverá um olhar retrospectivo que permitirá uma releitura da obra.

Temos aqui mais uma chance de pedir uma análise aos estudantes em formato de texto, se o professor julgar interessante e se houver tempo. Optando-se por realizá-la, pode-se tentar observar quais são os elementos, no romance, que remetem ao regimes totalitários, como o militarismo e a violência autoritária, entre outros.

LEITURA

A FILOSOFIA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

É difícil ler *Ensaio sobre a cegueira* sem pensar em *Leviatã*, de Thomas Hobbes (1588-1679). No romance de Saramago, a concepção acerca do homem sem dúvida remete à ideia hobbesiana da necessidade de um governo e uma sociedade fortes para lidar com esse estado natural humano. A própria noção de contrato social, que aparece na obra de Hobbes, é tocada e desenvolvida no livro de Saramago. No entanto, talvez o *Leviatã*, essa autoridade forte e inquestionável sobre a qual fala Hobbes, não seja encontrado no romance, uma vez que essas autoridades entram apenas para perpetrar mais violência. Temos, por sua vez, a personagem da mulher do médico, que age de maneira muito ética, sempre pensando no coletivo, de maneira gentil e altruísta, e que acaba virando uma espécie de líder, de olhos em meio à cegueira. Desse modo, essa pode ser uma divergência central em relação à teoria hobbesiana, que aponta para outra maneira de encarar a natureza humana: menos autoritária e mais gentil, quicá feminina, ou pelo menos aquilo que Saramago entende por feminilidade.

Há, sem dúvida, muito mais a explorar de discussões filosóficas no livro, então uma parceria com o componente curricular de Filosofia seria muito rica. Além do conceito anterior, seria possível pensar também na noção de *panóptico*, proposta por Michel Foucault (1926-84). Vejamos como ela se encaixa na obra de Saramago:

O panoptismo baseia-se, de acordo com a teoria da panóptica de Michel Foucault, em poder impor comportamentos em toda a população com base na ideia de que estamos sendo observados. Procura generalizar um comportamento típico dentro de um intervalo considerado normal, punição de desvios ou premiando-se bom comportamento. [“A teoria panóptica de Michel Foucault”, 2017]

Essa descrição tem íntima relação com *Ensaio sobre a cegueira*, em primeiro lugar, pois o óptico em determinado momento entra em colapso: ninguém mais vê ninguém, e nesse momento os comportamentos apresentam

desvios morais terríveis. Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer de que o próprio espaço em que estão os cegos em quarentena — o manicômio e a prisão — pode ser considerado panóptico:

O próprio panóptico é uma forma de estrutura arquitetônica projetada para cárceres e prisões. A referida estrutura supunha um arranjo circular das células em torno de um ponto central, sem comunicação entre eles e poder ser o preso observado de fora. No centro da estrutura seria uma torre de vigia onde uma única pessoa poderia visualizar todas as células, podendo controlar o comportamento de todos os reclusos. [idem]

Escolas, prisões e manicômios são considerados, portanto, panópticos, e são locais que têm entre si não só a estrutura física em comum, mas a dinâmica de funcionamento.

A depender de como for o currículo do componente curricular de Filosofia, é possível trabalhar com esses conceitos e também com outros, e sem dúvida o romance de Saramago permite diversas entradas. A partir deles, o docente pode propor um texto analítico-argumentativo que discuta como esses conceitos filosóficos aparecem na obra e em que medida se aplicam à narrativa. Essa pode inclusive ser uma proposta avaliada pelos professores de ambos os componentes curriculares, a partir da qual criem critérios de avaliação em comum.

A proposta pode ser apresentada no fim da leitura, pois uma análise integral da obra pressupõe uma visão completa. Ainda assim, uma parceria entre os componentes curriculares deve ir acontecendo ao longo do processo, não apenas no final, para que seja mais proveitoso.

Além disso, essa também pode ser uma oportunidade para, nas aulas de Filosofia, problematizar as estratégias de escrita própria desse tipo de texto, em diálogo com o docente de Língua Portuguesa, ao ajudar os estudantes a aprenderem como escrever uma análise filosófica, que requer estratégias muito diferentes da escrita em outras áreas do conhecimento.

Outra possível abordagem é pedir que os estudantes imaginem seus próprios espaços panópticos, numa perspectiva distópica, tendo em vista os

que já existem, claro, mas inventando uma nova configuração. Eles podem inventar uma descrição e também desenhar esse espaço, com ajuda do professor de Arte, mas o mais interessante é estimular que pensem em questões como: que tipos de locais de controle o mundo contemporâneo deve vir a produzir? Esse exercício fará com que reflitam sobre o livro, mas também olhem para o próprio entorno pensando nas tendências autoritárias do mundo hoje. Hoje em dia, essa discussão pode ganhar ainda mais uma camada de complexidade com a presença maciça da tecnologia, que também pode ser uma forma de controle contemporânea.

Por fim, como desdobramento da discussão filosófica aqui apresentada, a seguir estará sugerida outra proposta.

O QUE É A CEGUEIRA?

Tendo em vista os debates filosóficos em torno de *Ensaio sobre a cegueira* propostos antes, segue um desdobramento mais aprofundado.

Sugere-se uma conversa entre os estudantes sobre a cegueira como tema na filosofia e na literatura de Saramago. Pode ser um debate clássico, com pontos de vistas opostos e a defesa deles pelas duas partes, mas também pode ser um diálogo mais livre entre os estudantes, sem necessariamente envolver questões polêmicas. Nesse diálogo mais livre, o conceito de cegueira também é desenvolvido, mas sem a necessidade de explicitar as visões opostas.

Seria interessante haver uma preparação para o debate, orientando os estudantes a pesquisar como a cegueira aparece em autores da filosofia e ajudando-os a interpretar o que ela simboliza em Saramago. Eventualmente, se não for possível, não precisa haver essa preparação prévia, como num debate, pois os grupos podem fazer uso das reflexões que já apareceram nas aulas e das anotações, uma vez que a ideia não é uma fala necessariamente preparada, a defesa de um discurso, mas a discussão e o desenvolvimento do tema. Isso implica, por exemplo, que um jovem possa mudar de opinião durante a conversa ou falar a partir de perspectivas diferentes.

No dia da atividade, o professor pode propor à turma a pergunta inicial: o que é a cegueira? E, durante o desenvolvimento das falas dos estudantes, o docente pode fazer perguntas provocativas em alguns momentos-chave, para instigá-los a repensar, a elaborar melhor suas ideias. Nesse sentido, seria

importante estimulá-los a refletir de maneira mais metafórica, levando-os a pensar na cegueira de cada um, naquilo que não podemos ver, por sermos impedidos de alguma forma, ou então levando-os a imaginar algum tipo de cegueira coletiva que acometeria nossa sociedade. Além disso, seria interessante expandir o campo simbólico da cegueira, pensando sobre as diferenças entre ver e olhar, sobre pontos de vista... Será que todos vemos as mesmas coisas quando olhamos para uma situação ou um objeto, ou mesmo para a realidade?

O olhar está no mesmo campo do ver, mas pode transcender o limite do visível para o invisível. Ou seja, olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós, é sobretudo um mergulho no sensível. O visível e o invisível não são duas faces diferentes do olhar, mas o modo próprio e originário de apreensão da realidade. [SILVA, 2002, p. 17]

Essa discussão filosófica permitida pela obra de Saramago reverbera e expande noções de autores diversos da história da filosofia, como Platão (séculos V-IV a.C.), por exemplo, em seu mito da caverna, ou Maurice Merleau-Ponty (1908-61), em *O visível e o invisível*, de 1964. De alguma maneira, a filosofia tem como centro de todas as suas discussões a capacidade de ver os pontos de vista.

Essa conversa que os estudantes realizarão pode ser gravada em vídeo ou em *podcast*, por exemplo, e ser disponibilizada para a comunidade escolar, após uma edição. Caso se opte por essa divulgação do material, pode-se recorrer a alguma plataforma virtual que permita interação. A recepção da produção é uma etapa importante do processo criativo ao qual muitas vezes não damos a devida importância na escola. No processo de escolarização das práticas sociais, muitas vezes deixamos essa importante etapa de fora. Outra possibilidade de recepção das produções é deixar que as turmas assistam às conversas umas das outras, observando assim as semelhanças e as diferenças em relação às abordagens dos temas.

Essa é uma oportunidade de trabalhar a oralidade, habilidade que mui-

tas vezes fica em segundo plano na escola e mesmo em sociedade — do ponto de vista da valorização do conhecimento produzido dessa maneira —, mas que merece tanto prestígio quanto a escrita. A importância dessa habilidade está também colocada na BNCC:

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

PÓS-LEITURA

EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Um dos recursos mais interessantes de Saramago é nos sentirmos em vários momentos da obra, apesar de acompanharmos os acontecimentos pela perspectiva de uma personagem que não cegou. Isso acontece porque ele não descreve com tantos detalhes as cores, por exemplo, nem mesmo os locais, deixando a cabo de nossa imaginação o preenchimento desses detalhes.

Assim, após a leitura, propõe-se a elaboração de uma experiência sensorial de cegueira por meio da arte, usando outras linguagens que não a literatura — pode ser o audiovisual, produzindo um curta, ou uma instalação, elaborando uma exposição. Seria muito interessante conseguir alcançar a cegueira branca de Saramago, embora não seja tão fácil. No caso de uma produção audiovisual, isso se torna mais viável; já no caso de uma exposição em que os participantes usem uma venda, por exemplo, não seria possível promover essa brancura do romance. Nesse caso, os estudantes podem utilizar-se de áudios ou serem os guias da experiência para contarem aos partici-

pantes como é essa cegueira saramaguiana. Talvez seja o caso de ler trechos da obra, por exemplo, contar com as próprias palavras, ou até mesmo criar textos autorais para descrever essa experiência.

A exposição *Diálogos no escuro* pode ser uma inspiração para essa atividade. Nela, os participantes são vendados e passeiam pelo espaço com a ajuda de guias que são deficientes visuais. Durante essa experiência, os participantes aguçam seus outros sentidos diante da falta da visão. Além de ser uma bela aula sobre empatia, também estabelece relações com a obra de Saramago. Para saber mais sobre essa exposição, basta acessar o site: **www.dialogonoescuro.com.br**.

Para essa proposta da experiência sensorial da cegueira, a interação com o público é essencial. Desse modo, mesmo antes de começar a produção, seria importante definir um público-alvo, seja na comunidade escolar ou fora dela. A decisão prévia de um público vai influenciar o planejamento e guiar a produção. Lembrar que durante o evento sempre é recomendável coletar depoimentos em livros de visita, no caso de uma exposição, ou abrir um espaço para comentários se o produto audiovisual for divulgado em uma plataforma digital.

Outra possibilidade é produzir uma obra que não esteja necessariamente relacionada com o livro de forma direta, mas que se aproveite da proposta de produção de um texto ficcional (anteriormente descrita neste material), na qual os estudantes tiveram de descrever sua própria cegueira, distinta daquela que aparece no livro. Nesse caso, em parceria com o componente curricular de Arte, pode-se produzir algo a partir daquele texto.

Do ponto de vista organizacional, essa atividade pode ser feita com os estudantes organizados em grupos, dada suas dimensões. Nesse caso, o texto de um dos integrantes precisaria ser escolhido para servir como base, ou então pode-se usar o próprio texto do Saramago. Essa proposta se relaciona intimamente com a seguinte habilidade da BNCC:

(EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias — mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico —, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS E GÊNERO

Ensaio sobre a cegueira é um livro que estimula a pensar sobre a condição feminina e a construção desse gênero na literatura e na sociedade. Em parceria com o componente curricular de Sociologia, é possível aprofundar-se nessas questões.

Em primeiro lugar, a principal personagem e a mais complexa de todo o romance é uma mulher intrigante e única que, em meio a uma epidemia de cegueira, não fica cega, mantendo-se imunizada em relação a esse mal que afeta todos. Diante dessa informação, nos perguntamos: Será que seu gênero teria algo a ver com isso? O que faz essa mulher — que abdica de si mesma para cuidar do marido, que ajuda a todos o tempo inteiro e tem uma ética pessoal inabalável — a não cegar? Seriam suas qualidades morais?

Por um lado, poderíamos pensá-la como alguém que cuida dos outros e que, dessa forma, atua em um papel muitas vezes atribuído a mulheres, o de cuidadora, assim são as babás, as faxineiras, as professoras, as mães, as enfermeiras. Ou pelo menos é assim que a sociedade as vê. Essa característica altruísta talvez a colocasse numa posição um tanto estereotipada; no entanto, trata-se de um cuidado ativo, repleto de inteligência e coragem. Quando é preciso ser violenta e matar, ela o faz, e age de maneira extremamente perspicaz e planejada, em alguma medida até fria. Portanto, não é possível encaixá-la em nenhum estereótipo de gênero.

Ainda outra camada de complexidade se acrescenta à composição dessa personagem: ela é a mulher do médico, não tem uma profissão própria, ou pelo menos nós, leitores, não chegamos a saber. Ao contrário de seu marido, não é nomeada pelo ofício, mas por ser a esposa de alguém. Essas e outras

questões demonstram que não se trata de uma personagem plana, mas esférica, segundo a classificação do teórico Edward Morgan Forster (1879-1970) trazida à literatura brasileira por Antonio Candido (1918-2017), em seu famoso texto “A personagem do romance”:

As “personagens esféricas” não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. [2009, p. 63]

Não há dúvida de que a mulher do médico surpreende os leitores — mais de uma vez, inclusive. Como no momento que seu marido, num gesto imprevisto e impensado, vai até a cama da mulher de óculos escuros e se deita com ela. Apesar de estar ali acompanhando esse homem, cuidando dele, mesmo podendo ver e tendo passado pelos maiores horrores que alguém poderia imaginar, em vez de perceber a ação do seu marido como uma traição e ficar brava, ou incomodada, ela apenas passa a mão sobre o rosto da mulher de óculos, que está em prantos ao saber que foi descoberta nessa traição, e pede que ninguém ali se explique. Demonstra assim compreender a situação que a distancia de todos que ali estão e que, ao mesmo tempo, a conecta profundamente com essa mulher. Uma cena simbólica e bela, que nos faz refletir sobre as dinâmicas relacionais entre as mulheres.

As questões de gênero não se encerram, porém, nessa personagem, e são apresentadas em diversos momentos do livro. Um dos mais emblemáticos é o terrível estupro que ocorre no manicômio desativado. Naquela situação, as mulheres são exigidas pelos homens malvados que estão controlando as camaratas em troca da comida e então são violentadas; trata-se de uma das partes mais terríveis do romance. Isso poderia ser interpretado como uma cena que demonstra a fragilidade feminina, que deve ceder diante da dominação masculina, no entanto, essas mulheres enfrentam a situação de terrível violência com coragem imensa, o que deixa evidente o tamanho da resistência e da força necessária para ser uma mulher.

Se, por um lado, o livro em alguns momentos faz afirmações questionáveis sobre o gênero feminino, por outro, o narrador é essa figura bastante misteriosa que o leitor não conhece. Ele se insere no discurso, fala com o leitor, interroga-o, põe-se como observador, é onisciente, de modo que pode muito bem encarnar em si uma figura que representa o pensamento comum, que representa a voz coloquial:

[...] Lá fora, no átrio, na cerca, arrastavam-se os cegos desamparados, doridos de golpes uns, pisados outros, eram sobretudo os anciãos, as mulheres e as crianças de sempre, seres em geral ainda ou já com poucas defesas, milagre foi não terem saído disto muitos mais mortos para enterrar. [...] (p. 113)

Aqui temos uma visão que deixa evidente a noção de fragilidade feminina. É possível pensar que se trata de uma perspectiva do próprio autor, porém a presença do narrador nos impede de concluir isso. Esse tipo de máxima sobre o gênero feminino se repete em diversas outras partes do romance, como a que lemos a seguir:

[...] o que ela não queria era que o marido despertasse e desse pela ausência a tempo ainda de perguntar-lhe Aonde vais, que é, provavelmente, a pergunta que os homens mais fazem às suas mulheres, a outra é Onde estivesse. [...] (p. 150)

Suposições como essa dizem respeito a uma noção de que o homem controla sua esposa, ou que deveria fazer isso. Outra afirmação que se repete mais de uma vez no romance é: “entenda as mulheres quem puder”, o que reafirma a ideia recorrente de que as mulheres são seres incompreensíveis. Seja essa a voz de Saramago ou do narrador, trechos assim permitirão aos estudantes refletir sobre as construções de gênero na literatura e na sociedade.

A partir desse tipo de reflexão, sugere-se um debate entre os estudantes em torno desse tema. As questões a serem discutidas na ocasião podem ser mais polêmicas, como: seria *Ensaio sobre a cegueira* um livro machista? Num caso como esse, é evidente que não se deve chegar a um *sim* ou *não*, a ideia de um debate como esse não é responder a uma pergunta e muito menos condenar José Saramago a uma fogueira, mas sim debater o assunto. O que é importante considerar numa discussão como essa e que pode ser extremamente enriquecedor aos estudantes do Novo Ensino Médio é a noção de que a literatura não precisa ser combativa em relação à cruel realidade. Ela pode apresentar os preconceitos, os problemas e as desigualdades de gênero, entre outras questões, sem ter de apresentar soluções. Além disso, ao expor as entranhas de uma sociedade desigual, com heranças machistas, também o escritor está promovendo reflexões ao leitor.

O debate em questão pode ser, como foi dito, promovido a partir de questões mais ou menos abertas ou polêmicas. Além disso, pode ser interessante usar como base mais de um livro para pensar a construção das personagens e seus gêneros. Isso dependerá do currículo escolar.

Essa também pode ser uma atividade anunciada durante a leitura da obra, para que os estudantes leiam já com esse olhar e façam os debates conforme forem avançando na leitura e nos momentos em que a questão aparece no romance. O professor de Sociologia sem dúvida terá muito o que acrescentar nessa discussão.

Após os debates, os estudantes ainda podem produzir um texto individual opinativo sobre o que foi discutido, bem como uma análise do(s) livro(s). Para que o debate ocorra, no entanto, é interessante que haja uma preparação prévia, com ajuda de colegas. As salas podem inclusive organizarem-se em grupos para preparar a argumentação que um ou dois dos participantes defenderá no debate. Essa também é uma boa ocasião para uma filmagem que registre a atividade. Quem sabe os melhores debates podem ser assistidos pelos estudantes do ano seguinte como inspiração.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Embora Saramago tenha ficado conhecido pelo estilo de escrita, que influenciou mundialmente o campo literário, não é apenas de longos períodos repletos de vírgulas que se compõem seus livros: a amplitude e a grandeza do escritor estão para além de um estilo. Saramago recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1998 e seu *Ensaio sobre a cegueira* (1995) marcou gerações de leitores e leitoras e foi adaptado para o cinema e outras linguagens artísticas, porque cala fundo no que nós todos temos de mais humano. Trata-se de uma obra literária que não nos deixa fugir de nós mesmos e nem nos poupa do pior.

O poder de fisgar os olhos dos leitores é inegável. Estamos falando de um romance que é conhecido por captar, por prender a atenção, e por isso vale ressaltar as estratégias que o autor usa para causar esse efeito.

Em primeiro lugar, o romance mantém grandes tensões, do começo ao fim. Isso porque o grande conflito em jogo, a epidemia de cegueira branca, surge nas primeiras páginas, sem a necessidade de interlocuções que intermedeiem a relação com o livro, como apresentações das personagens, do contexto, do conflito. Somos logo jogados na trama complexa de ações do romance e vamos sendo mantidos nela por uma sequência de acontecimentos que não se resolvem completamente. A um conflito soma-se outro e mais outro. Alguns deles, claro, vão se solucionando pelo caminho, mas nunca voltamos à estaca zero de distensão. Nem mesmo quando a obra termina, com um fim um tanto aberto, temos uma resolução completa que esperamos como leitores — bem sabemos que é provável que todos recuperem a visão, mas sobre o que será de um mundo após essa pandemia, cabe a nós especularmos. A única certeza é a de que nada mais deve ser como antes, nem para as personagens dessa história, nem para nós mesmos.

Dessa forma, vivemos junto dessas pessoas feitas de palavras e quase nos esquecemos de que não somos nós que estamos ali, enfiados naquela história. Para captar-nos, porém, não basta apenas criar conflitos amarrados uns nos outros — apesar de essa ser uma estratégia bastante interessante. Sentimo-nos presos à história também por conta da fluidez da linguagem e

da proximidade do narrador, e falaremos de cada um desses elementos separadamente.

Do ponto de vista da composição sintática, da organização das orações, temos uma conhecida marca do autor: longos períodos repletos de vírgulas, que resultam em longos parágrafos. A isso soma-se o fato de que ele não demarca a presença do discurso direto com travessões ou aspas, de modo que as falas das personagens se misturam à fala do narrador a ponto de, muitas vezes, nem sequer sabermos quem está falando. Saramago consegue criar assim um efeito de fluidez que nos joga no meio da ação: não há distanciamento em relação ao que está acontecendo, é quase como se nos víssemos entre todas aquelas pessoas, dividindo suas aflições, medos e alegrias. Esse efeito de proximidade é corroborado pela presença de um narrador intruso que se coloca também ele no meio da história, opina sobre o que vê e nos conta, nos interpela como leitores e faz isso usando uma linguagem coloquial, sem arcaísmos e rebuscamentos, como podemos ver no seguinte trecho:

A estas alturas já os outros cegos estão a fugir espavoridos para os corredores cheios de fumo, Há fogo, há fogo, gritam, e aqui se pode observar ao vivo como têm sido mal pensados e organizados estes ajuntamentos humanos de asilo, hospital e manicómio, repare-se em como cada um dos cates, só por si, com sua armação de ferros bicudos, pode tornar-se em uma mortal armadilha, vejam-se as consequências terríveis de haver uma só porta em camaratas que levam quarenta pessoas, fora as que dormem no chão, se o fogo chega lá primeiro e lhes tapa a saída, não escapa ninguém. [...] (p. 205)

Esse excerto condensa todos esses recursos, pois há o discurso direto misturado à narração; o narrador que nos interpela, quase a conversar conosco; o longo período repleto de vírgulas. Aqui é possível perceber como a fluidez da linguagem se manifesta em uma cena de extrema tensão, logo quando o manicómio desativado pega fogo e os cegos ali quarentenados descobrem que na verdade estavam há algum tempo sem o controle dos militares, que

também já haviam cegado. Ao sair, percebem que a epidemia está fora de controle e ninguém mais vê, além da mulher do médico, claro.

Essa epidemia incontrolável, cujo contágio é quase imediato e produz um tipo de cegueira inédita — único sintoma da doença — traz os leitores para um universo fantástico. Ao longo da história, os laços com a realidade vão colapsando, sem que mergulhemos num mundo maravilhoso. E nesse universo deparamos com o fato de que não só há algo fora do lugar, mas que esse elemento fantástico em jogo, essa cegueira branca, muito tem a ver conosco.

Ensaio sobre a cegueira é, antes de tudo, uma narrativa alegórica, sendo esse mais um entre os recursos que tornam essa obra fascinante e tão próxima de cada um de nós. Numa mesma história, Saramago parece condensar elementos diversos que dizem respeito à maneira como nossa sociedade estabeleceu seus grupos, seus contratos sociais, suas organizações. E ele faz isso de uma maneira retrospectiva, como num processo de desconstrução de todas essas estruturas, que podem rapidamente desmoronar diante de nossos olhos. De uma sociedade plenamente organizada, na qual os semáforos funcionam e as instituições agem de maneira extremamente rápida para conter uma epidemia, vamos parar em uma organização militarmente regida num estado de exceção. Daí conhecemos a barbárie a que um grupo de seres humanos pode chegar e, por fim, somos levados inclusive ao nomadismo como forma de sobrevivência. Ou seja, o autor desconstrói todas as nossas certezas e nos demonstra como erigimos uma sociedade através de inúmeras associações que podem muito bem deixar de existir.

Além dessas alegorias, que travam uma batalha intensa com nosso imaginário, a visão absolutamente branca, o mar de claridade no qual estão enfiados esses pobres cegos, parece também nos dizer respeito:

[...] Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem. [p. 308]

Ficamos cegos de clareza, cegos de civilização:

No mundo “normal”, a razão cegou o homem que pensava que tudo era permitido a ele e esqueceu dos próprios limites, pois, mesmo vendo, não enxergava, de fato. A alegoria da cegueira apresentada por Saramago mostra que é preciso cegar ou enlouquecer para depois ver corretamente, mas que não são todos que se revelam sensíveis e capazes desse novo olhar. [SANTOS, 2019, p. 99]

Essa cegueira alegórica, portanto, nos convida a desconstruir o olhar, a desnaturalizar os saberes, a aprender a ver, porque, afinal, não há certeza. Tudo o que vemos à nossa volta faz parte de uma construção, logo, comporta-se como ficção, como narrativa. Assim, não é de estranhar que as grandes obras de arte, como o romance de Saramago, nos sejam até mais impactantes e verdadeiras que a própria realidade, pois, assim como ela, trata-se de uma narrativa estruturada e construída sobre os pilares de uma sociedade em constante mudança.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

A seguir, são indicadas algumas referências complementares para a abordagem de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Trata-se de possibilidades de diálogo com a obra e que podem promover intertextualidades ricas. Há referências de diferentes campos artísticos.

Filme: *Ensaio sobre a cegueira*. Direção: Fernando Meirelles. Brasil, 2008, 121 min. Não recomendado para menores de 16 anos.

Em 2008, o livro de Saramago ganhou uma adaptação para o cinema. O filme, que tem no elenco Julianne Moore, Mark Ruffalo e Gael García Bernal, entre outros artistas, abriu o Festival de Cannes daquele ano. Foi filmado no Brasil, no Canadá e no Uruguai.

Livro: *A peste*, de Albert Camus. Trad. de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Em 1947, Albert Camus escreveu uma obra que tem como pano de fundo uma epidemia que mata diversas pessoas. As reflexões do personagem principal, médico, trazem questionamentos sobre a condição humana que podem ser relacionados tanto à situação alegórica apresentada em *Ensaio sobre a cegueira* como à pandemia.

Filme: *Janela da alma*. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil, 2004, 73 min. Livre.

Este documentário foi construído com base no depoimento de dezoito pessoas com deficiência visual — de uma miopia leve à cegueira total. Nele, aparecem grandes personalidades da literatura, como o poeta brasileiro Manoel de Barros e o próprio José Saramago, além dos cineastas Agnès Varda e Wim Wenders, entre outras personalidades. O principal argumento desta produção é compreender como a deficiência visual influencia a personalidade dessas pessoas.

Filme: *José e Pilar*. Direção: Miguel Gonçalves Mendes. Brasil-Portugal-Espanha, 2010, 125 min. Livre.

Neste documentário, conhecemos o relacionamento entre o escritor

José Saramago e sua esposa, Pilar del Río, no cotidiano do casal. Como foi filmado próximo à morte do escritor, quando ele já tinha, aos 84 anos, consciência de que se aproximava esse momento, o documentário acaba retratando essa sua proximidade da morte.

Livro: *Ensaio sobre a lucidez*, de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Escrito quase uma década depois, este romance faz um diálogo com *Ensaio sobre a cegueira*. Quase como um desdobramento da obra anterior, neste há uma epidemia simbólica, pois, em uma situação de eleição, 70% da população vota em branco. Então, o governo e as autoridades políticas deixam a cidade à sua própria sorte, o que gera uma crise política que revela a fragilidade das instituições.

Vídeo: Entrevista com José Saramago. Programa *Roda Viva*, 13 out. 2003, 81 min.

Em 2003, numa visita ao Brasil, Saramago concede uma entrevista ao *Roda Viva*, programa da tv Cultura. A gravação pode ser acessada no canal de Youtube da própria emissora: https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02_fVY. Acesso em: 28 out. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Este livro reúne textos de pensadores da crítica brasileira sobre a construção da personagem na literatura, no teatro e no cinema. Neste material, citamos especificamente o texto de Antonio Candido, que nos ajudou a conceitualizar as noções de personagem esférica e plana. No entanto, também vale muito a pena ler o texto de Anatol Rosenfeld, no qual ele desenvolve reflexões acerca da literatura, assim como os ensaios de Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Sales Gomes.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece nesta obra uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para estimular a reflexão sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece importantes considerações sobre aspectos que devem ser levados em conta no planejamento de atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma importante referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Neste livro, um dos mais importantes para pensar a docência no âmbito da leitura e da escrita, a autora aborda os limites da instituição escolar para o desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita, ajudando-nos a pensar como ultrapassá-los, por meio uma leitura instigante e questionadora. Além disso, fornece uma série de exemplos inspiradores que podem ajudar na prática diária do ensino.

OLSON, David; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1997.

O livro faz parte da coleção Múltiplas Escritas, coordenada por Emília Ferreiro. Nesse volume, destacados estudiosos examinam detalhadamente as relações entre oralidade e cultura escrita, ressaltando as diferentes maneiras pelas quais os recursos da fala e da escrita atendem a objetivos especiais. Uma leitura densa, mais centrada na historiografia que na didática, indicada aos que pretendem aprofundar seus estudos nessa área.

SILVA, Maria Ivonete Coutinho da. *Ensaio sobre a cegueira: um olhar que transcende o olho*. Dissertação de mestrado em teoria da literatura,

Universidade Federal de Pernambuco, 2002. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7883/1/arquivo8083_1.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

Esta pesquisa, que trata especificamente do romance de José Saramago, traz uma reflexão sobre o olhar na contemporaneidade. A autora faz uma investigação sobre a cegueira e seus significados alegóricos, bem como sobre o olhar e a visão. Vivemos num mundo em que tudo está exposto, para ser visto. E o que significa ver e olhar? E ser visto?

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Neste breve livro, Todorov cria as bases do que hoje conhecemos na crítica como literatura fantástica e a distingue do universo maravilhoso. É uma literatura que pode ajudar a entender o contexto da produção desse tipo de obra no século xx e apoiar a discussão para compreender o que o *Ensaio sobre a cegueira* tem de realismo fantástico.

OBRAS CITADAS

BRÄKLING, Kátia Lomba. “Leitura colaborativa”. In: *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-colaborativa>. Acesso em: 26 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

FERREIRO, Emilia. “Sobre as não previstas, porém, lamentáveis, consequências de pensar apenas na leitura e se esquecer da escrita quando se pretende formar um leitor”. In: *30 olhares para o futuro*. São Paulo: Escola da Vila, 2010. Disponível em: www.escoladavila.com.br/html/outros/2010/revista/30_anos/revista/files/final.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. “Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade”. *Anuário de Literatura*, [s. l.], v. 18, n. 2, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 28 out. 2020.

SANTOS, Quênia Regina Matos dos. *José Saramago, do romance historiográfico ao alegórico: a recepção de sua ficção*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2019. Disponível em: **<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205532>**. Acesso em: 13 out. 2020.

“A TEORIA panóptica de Michel Foucault: sobre o poder político e econômico que nos controla sem que possamos ver”. *Pensar Contemporâneo*, 29 nov. 2017. Disponível em: **www.pensarcontemporaneo.com/teoria-da-panoptica-de-michel-foucault**. Acesso em: 13 out. 2020.